

Extensão e Desenvolvimento Regional

Relatos de experiências

Cidonea Machado Deponti
Markus Erwin Brose
(Organizadores)





Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Cidonea Machado Deponti
Markus Erwin Brose
(Organizadores)

Extensão e **Desenvolvimento Regional**

Relatos de experiências



Campina Grande-PB
2023



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidival Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Técnica

Carlos Alberto de Araujo Nacre
Thaise Cabral Arruda
Walter Vasconcelos

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

E96 Extensão e desenvolvimento regional : relatos de experiências / organização, Cidonea Machado Deponti e Markus Erwin Brose. – Campina Grande : EDUEPB, 2023. 292 p. : il. ; 15 x 21 cm ; 8,0 MB.

ISBN: 978-85-7879-861-1 (Impresso)

ISBN: 978-85-7879-862-8 (E-book)

1. Extensão universitária. 2. Pesquisa científica. 3. Desenvolvimento local. I. Título.

21. ed. CDD 001.42

Ficha catalográfica elaborada por Ana Patrícia Silva Moura – CRB-15/945

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A CAMPANHA “CONSOLIDANDO A AGRICULTURA FAMILIAR”: UM PROCESSO DE CO-CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO ENTRE ACADÊMICOS, LIDERANÇAS SINDICAIS E JOVENS AGRICULTORES EM SANTARÉM, PARÁ

Stéphanie Nasuti³⁷

Emilie Coudel³⁸

Mariana Piva da Silva³⁹

Danielle Wagner⁴⁰

Beatriz Abreu dos Santos⁴¹

Denise Lima⁴²

Ricardo Folhes⁴³

João Paulo S. de Cortes^{44, 2, 7}

Marc Piraux⁴⁵

37 Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasil. INCT Odisseia, Universidade de Brasília, Brasil

38 INCT Odisseia, Universidade de Brasília, Brasil. SENS, Univ. Montpellier, CIRAD, IRD, Université Paul Valéry Montpellier 3, Montpellier, França

39 Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasil. INCT Odisseia, Universidade de Brasília, Brasil

40 INCT Odisseia, Universidade de Brasília, Brasil. Instituto de Biodiversidade e Florestas, Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

41 Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasil. INCT Odisseia, Universidade de Brasília, Brasil

42 INCT Odisseia, Universidade de Brasília, Brasil. Instituto Técnico de Lisboa, Portugal

43 INCT Odisseia, Universidade de Brasília, Brasil. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Brasil

44 INCT Odisseia, Universidade de Brasília, Brasil. Instituto de Ciência e Tecnologia das Águas (ICTA), Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil

45 TETIS, AgroParisTech, CIRAD, CNRS, INRAE, Montpellier, França

Introdução

Neste capítulo, apresentamos uma experiência conduzida pelos autores em parceria com os sindicatos de agricultores familiares e de trabalhadores rurais de Santarém, Belterra e Mojuí dos Campos (Amazônia brasileira, Estado do Pará). Esta pesquisa foi realizada como um estudo piloto no âmbito do Observatório das Dinâmicas Socioambientais (Odyssea-Odisseia),⁴⁶ com o objetivo de testar o potencial ofertado por esse dispositivo para aproximar ciência e sociedade.

Nossa equipe trabalha na região de Santarém há vários anos e se engajou junto com os sindicatos de agricultores familiares em 2016, procurando definir possibilidades de colaboração. Aos poucos, discutimos as principais mudanças que estavam ocorrendo nos territórios, mapeamos coletivamente as ações que já existiam para apoiar as comunidades rurais e o que ainda precisava ser melhor compreendido. Progressivamente, os sindicatos de agricultores expressaram a necessidade de ter mais dados confiáveis sobre sua realidade e pediram para realizar um “mini-censo da agricultura familiar”, juntamente com a capacitação de jovens lideranças.

Embora a realização de uma campanha de coleta de dados não fizesse parte dos objetivos iniciais da pesquisa, a equipe abraçou o desafio de co-construir os dados solicitados junto com os sindicatos. Assim

46 Trata-se de um duplo projeto, que começou como proposta do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, chamado Odisseia e apresentado em 2014 em resposta a uma chamada pública do Ministério de Ciência e Tecnologia do Brasil, para dar continuidade aos estudos realizados como parte da Rede Clima coordenada pela Universidade de Brasília (UNB), ampliando a análise para outras dimensões das mudanças globais. Para apoiar o INCT Odisseia, outra proposta, Odyssea, foi apresentada em 2015 por pesquisadores europeus que vinham colaborando há vários anos com os brasileiros na região amazônica para uma chamada da União Europeia Horizon 2020, a fim de obter financiamento para incentivar a mobilidade dos europeus em direção ao Brasil. Odyssea começou em 2016, mas, devido à instabilidade política no Brasil, o INCT Odisseia só começou em 2018. No resto do texto, usaremos somente Odisseia, mas sempre para falar dos dois projetos. Para mais informações sobre estes projetos, consulte os seguintes sites: www.odyssea-amazonia.org e <http://inct-odisseia.i3gs.org/>

nasceu a campanha “Consolidando a Agricultura familiar”, conduzida em 2019 graças ao engajamento de um grupo de jovens lideranças, auto-denominados “pesquisadores comunitários”. Além de reuniões comunitárias em toda a região, esses jovens realizaram entrevistas por meio de questionário com 544 agricultores familiares, investigando sobre suas condições de vida, suas atividades produtivas, suas expectativas e os impactos da monocultura de soja em larga escala na região.

No âmbito dessa experiência-piloto, desejávamos avançar em direção à pesquisa mais inclusiva possível, na qual os atores não acadêmicos definem os objetivos em colaboração com os pesquisadores, questionam e constroem os processos de pesquisa, participam da coleta dos dados, de suas análises e da divulgação dos resultados. Retrospectivamente, reconhecemos que nossa experiência se enquadrava sob o arcabouço teórico da “co-construção do conhecimento” em vista de uma ciência cidadã, ou seja, uma ciência que envolve os cidadãos de uma forma mais democrática em todo o processo de pesquisa. Os princípios desta abordagem estavam no nosso radar desde o início, porém não organizados conceitualmente no referencial dos pesquisadores.

A co-construção de conhecimento surgiu na última década como parte de abordagens de pesquisa participativa e transdisciplinar, nas quais atores acadêmicos e não acadêmicos são legitimados no processo de produção de conhecimento, a partir de seus próprios lugares na sociedade (NORSTRÖM et al., 2020). Diferentemente das práticas convencionais de investigação científica, a pesquisa co-construída é um processo que começa com a identificação participativa do objeto de estudo, passa pela definição participativa dos instrumentos de pesquisa e pela implementação, também participativa, da pesquisa e análise de resultados, para finalmente chegar a uma “publicização participativa” do conhecimento gerado (BEEBEEJAUN et al., 2014). Ainda, Cash et al. (2003) destacam que o engajamento dos atores na produção de conhecimento facilita a comunicação e melhora a tradução do conhecimento em ação, já que sua saliência (utilidade), credibilidade e legitimidade são reforçadas. Produzidos de forma circunstanciada, em função do contexto social, ambiental, econômico

e político local (D'AQUINO, 2009), os processos de co-construção produzem mais do que conhecimentos comuns: eles desenvolvem capacidades, constroem redes e permitem a implementação de ações que contribuam para a sustentabilidade (DUROSE et al., 2012; FLORIN; WANDERSMAN, 1990; NORSTRÖM et al., 2020).

Estes princípios ecoam com a experiência que desenvolvemos no Planalto Santareno no âmbito do Observatório Odisseia. Este observatório, ainda no estágio de piloto em Santarém, é reconhecido como parte integrante de uma nova geração de observatórios que assumem a premissa de que, para tornar o conhecimento mais acessível e operacional, é necessário envolver mais ativamente a sociedade na sua produção (LIU et al., 2014), especialmente por meio de processos de aprendizagem coletiva (TONNEAU et al., 2017).

Assim, o presente capítulo apresenta aos leitores e às leitoras os procedimentos e aprendizagens no processo de co-construção de conhecimento com as organizações de agricultores familiares do Planalto de Santarém, no centro da Amazônia brasileira (Estado do Pará), parceiros de longa data, com quem laços de confiança foram se construindo ao longo de vários projetos de pesquisa (BOMMEL ET AL., 2016; FOLHES, 2018; COUDEL et al.; 2022).

Vale ressaltar que, aqui, nos ateremos à descrição e análise do “processo” que, na nossa concepção, constitui um “resultado” em si ao mesmo título de que os dados disponibilizados *a posteriori*. Entendemos nossa pesquisa como um exemplo de “*process-oriented research*” (VANDENBUSSCHE et al., 2020), em que todo o processo visa engajar os atores para definir os problemas que eles querem investigar, com a perspectiva de que estes conhecimentos possam se tornar a base para estratégias de ação qualificadas.

Contexto da pesquisa: o Planalto Santareno

O planalto santareno situa-se na microrregião do Baixo Amazonas, no oeste do Estado do Pará, e se configura como um platô de terras firmes e altas com presença de solo argiloso de grande potencial agrícola

e composto pelos municípios de Santarém, Mojuí dos Campos e Belterra, totalizando uma área de 459.820 ha. Juntos esses municípios possuem 342.565 habitantes, sendo 308.399 em Santarém, 16.282 em Mojuí dos Campos e 17.944 em Belterra (estimativa IBGE, 2021).

A ocupação Planalto é bastante antiga, sendo os primeiros vestígios de ocupação humana na Amazônia, há cerca de 11200 anos atrás (ROOSEVELT et al., 1996) encontrados na região próxima da cidade de Santarém. Indígenas, quilombolas, migrantes de outras regiões do país, agricultores entre outros grupos vêm compondo a diversidade de povos do Planalto. As comunidades rurais, de diversas origens étnicas, viveram durante séculos de pesca e de agricultura itinerante.

Desde o início da colonização portuguesa no século XVII, Santarém tornou-se uma importante cidade de comerciantes, devido sua localização estratégica na confluência dos rios Amazonas e Tapajós. Atualmente, Santarém continua sendo umas das mais relevantes cidades da região amazônica. Nos anos 1960, com a construção de rodovias para integrar a Amazônia com o resto do Brasil, novos colonizadores afluíram à região, implantando pastagens para a produção de gado (BECKER et al., 1990; CÔRTEZ E D'ANTONA, 2016; HÉBETTE; MARIN, 2004).

A construção do porto graneleiro da empresa multinacional Cargill Agrícola AS em Santarém, destinado à exportação de grãos, constitui um marco na história regional recente. Ela reflete o processo de expansão da agricultura industrial em larga escala que se estrutura na região desde o final dos anos 1990, incentivada por investimentos privados e pelo poder público federal, estadual e municipal (SAUER, 2018). Oliveira (2001) e Nahum e Paixão (2014) relatam a progressiva concentração de terras, associada a esquemas de especulação fundiária e expulsões compulsórias, que forçaram a desintegração das comunidades da agricultura familiar e levaram migrantes das áreas rurais para os centros urbanos.

Por sua vez, a produção da Agricultura Familiar continua sendo essencial para o abastecimento alimentar das populações urbanas da região (FOLHES et al., 2020).

Frente aos impactos da expansão da produção de soja no Planalto Santareno, os sindicatos de agricultura familiar da região metropolitana de Santarém (Sindicatos das Agricultoras, Agricultores Familiares e dos Trabalhadores Rurais-STTRs respectivamente dos municípios de Santarém, Mojuí dos Campos e de Belterra) têm apoiado associações e cooperativas de agricultura familiar, realizando campanhas para esclarecer os impactos que a venda de terras pode ter nas comunidades de agricultores familiares e promovendo a adoção da agroecologia como alternativa à monocultura de soja e ao uso de agrotóxicos.

Apesar do seu potencial de inovação por meio de ações coletivas, as estratégias de enfrentamento dos agricultores familiares durante este período estão pouco documentadas (NAHUM; PAIXÃO, 2014). Embora existam dados sobre a produção agrícola, estimados pelo Instituto Brasileiro de Estatísticas Geográficas (IBGE) por meio de censos agropecuários periódicos (desde 1920, sendo os últimos anos do censo 1996, 2006 e 2017), há poucos dados sobre as práticas dos agricultores familiares e sobre o seu bem-estar a nível de território. Dada esta lacuna, o impacto das mudanças recentes (em particular da expansão da soja) sobre a Agricultura Familiar é muito difícil de ser avaliado pelas organizações de agricultores e tomadores de decisão, o que gerou a demanda de realização de diagnóstico da situação da produção familiar no Planalto Santareno

Redirecionando o foco do observatório e definindo objetivos comuns

As primeiras atividades realizadas com os STTRs no contexto dos projetos Odisseia-Odisseia, conduzidas em 2017 e 2018, almejavam engajar os atores locais, por meio da definição de expectativas comuns sobre o papel do observatório em construção (que chegamos a oficializar com um termo de cooperação assinado em 2017). Três oficinas de planejamento reuniram lideranças comunitárias, escolhidas e convidadas pelos STTRs, para discutir as principais mudanças enfrentadas pelas comunidades rurais. Uma série de perguntas, inspiradas em

metodologias prospectivas (JOUVENEL, 2009; PATEL et al., 2007) foram utilizadas para orientar o diálogo com os atores locais:

- Quais são as principais mudanças que estão ocorrendo na região?
- Quais ações já existem para lidar com estas mudanças?
- Que futuros vocês imaginam? Que futuro vocês gostariam que ocorresse?
- Quais são as principais ações/variáveis que podem levar a este futuro?
- Sobre quais ações/variáveis vocês tem mais poder de influência?
- De que informações vocês precisam para realizar estas ações?

Além de respostas a essas perguntas, um passo importante para a construção de um entendimento e de uma linguagem comum foi dado durante um desses workshops, em 2018. Ao buscar resgatar as definições locais dos conceitos que orientavam a estrutura conceitual do Observatório Odisseia, percebemos que os termos de “vulnerabilidade” e “adaptação”, centrais para os pesquisadores,⁴⁷ tinham conotações negativas para nossos parceiros: eles eram interpretados como uma aceitação da fatalidade e uma negação da sua capacidade de agência. Em outra oportunidade, os sindicatos rurais sugeriram chamar nossa pesquisa conjunta de “Consolidando a Agricultura Familiar”. Mais do que um simples ajuste de palavras, esses dois episódios foram fundamentais para a reformulação do nosso papel enquanto pesquisadores. Ao apontarem a tendência comum entre os pesquisadores de focarem suas ações para o “problema”, as lideranças locais revelaram as posturas e concepções diferentes dos pesquisadores e dos atores do território sobre a geração e sobre o uso da informação. Desse modo, demarcaram seus interesses em relação às contribuições do projeto de pesquisa para

47 O INCT Odisseia tinha como título completo: “Observatório das Dinâmicas Socioambientais: sustentabilidade e adaptação às mudanças climáticas, ambientais e demográficas”.

dar visibilidade à importância da agricultura familiar e formar uma agenda positiva a ser defendida por eles no contexto de enfrentamento às situações geradoras de vulnerabilidades a essa categoria social.

Assim, não se trataria apenas de revelar os impactos das mudanças em curso sobre os meios de subsistência da agricultura familiar; o desafio seria produzir informações para subsidiar os STTRs na elaboração de estratégias para enfrentar as mudanças consideradas negativas e os agentes causadores. Entendemos que os sindicatos estavam ansiosos para obter resultados tangíveis, para transformar o conhecimento em ação e, com base nesses termos, aceitamos esse desafio em conjunto.

Três temas prioritários emergiram gradualmente da co-definição das expectativas: segurança fundiária nos territórios, contaminação por agrotóxicos, e agroecologia - todos relacionados com a pressão exercida pela expansão da soja sobre os territórios da Agricultura Familiar. Os líderes sindicais destacaram a falta de informação sobre esses temas e expressaram seu forte interesse em coletar informações nas quais pudessem basear suas estratégias, tanto para informar e sensibilizar a população rural quanto para poder respaldar seus argumentos em arenas de negociação política e governança. Além disso, os líderes sindicais expressaram sua desconfiança em relação aos dados públicos do censo agropecuário decenal; eles tinham a percepção que sub-representavam o volume e a diversidade da produção familiar, bem como os fluxos de produção direcionados aos centros urbanos.

Assim, assumimos o compromisso de produzirmos conjuntamente dados sobre a agricultura familiar com foco nas três linhas temáticas definidas. Agregamos a essa proposta uma outra demanda dos STTRs: a capacitação de jovens lideranças, os quais foram envolvidos em um processo de formação e se tornaram “pesquisadores comunitários” (como passaram a ser chamados pelos sindicatos). A demanda das lideranças sindicais foi de que os jovens participassem não apenas como coletores de dados, mas como atores pró-ativos no processo de pesquisa. Assim, participaram ativamente do processo de pesquisa, se engajando em trocas enriquecedoras que contribuíram grandemente para o aperfeiçoamento dos instrumentos de coleta de

dados e análises dos resultados gerados. Logo, ao longo das oficinas de planejamento, o escopo do projeto foi sendo reconfigurado no que se refere aos objetivos da pesquisa e do fazer ciência no seu sentido mais profundo (o que queremos coletivamente com a realização desse projeto e enquanto pesquisadores?).

O processo de co-construção de conhecimento

Para produzir dados contextualizados, elaboramos uma estratégia metodológica articulando três escalas, com métodos adaptadas à cada escala de análise. Na escala do território, realizamos um zoneamento, que permitiu definir as zonas a pesquisar. Na escala das comunidades rurais, realizamos reuniões e aplicamos um questionário curto, que permitiram afinar as diferenças entre as zonas. Enfim, na escala das famílias, focamos na aplicação de um questionário aprofundado, que almejava entender a produção e os desafios enfrentados por cada família.

Zoneamento na escala regional

Em janeiro de 2019, realizamos um zoneamento participativo do Planalto de Santarém com líderes comunitários de cada município. Esse tipo de zoneamento participativo, baseado na representação cartográfica permite que os atores compartilhem seus conhecimentos sobre o território e identifiquem a diversidade territorial e as dinâmicas espaciais. O uso desta metodologia tem o potencial de facilitar a tomada de decisões e o planejamento territorial, permitindo uma visão integrada (CARON et al., CHEYLAN, 2005).

Este exercício almejava construir uma visão geral da dinâmica territorial dos últimos 20 anos com a expansão da soja, e evidenciar a diversidade de situações das comunidades de agricultura familiar rodeadas pelos plantios de soja (CORTES et al., 2020).

Este zoneamento também nos permitiu chegar a um método de amostragem para a coleta de dados. Selecionamos 4 zonas em cada

município (12 zonas no total) para representar situações contrastantes: agronegócio dominante, agricultura familiar e agronegócio misturados, agricultura familiar dominante, e agronegócio avançando sobre a agricultura familiar.

Capacitação dos pesquisadores comunitários

Cada um dos três sindicatos foi responsável por mobilizar seis jovens de destaque em suas comunidades, assim como um coordenador de campo, detentor de um bom conhecimento do seu município. Assim, a equipe de coleta de dados foi composta por 18 pesquisadores comunitários, entre 18 e 30 anos de idade, sendo 8 mulheres e 10 homens. A maioria desses pesquisadores comunitários tinham vínculos anteriores com os sindicatos, por meio de capacitações ou como lideranças de grupos de jovens. Os coordenadores de campo tinham entre 35 e 55 anos de idade, todos homens.

Em abril de 2019, os 18 pesquisadores comunitários, os três coordenadores de campo, várias lideranças sindicais, juntamente com sete pesquisadores acadêmicos e 8 bolsistas de pós-graduação da equipe Odisseia, se reuniram para uma semana de imersão para preparação para a campanha de coleta de dados. O objetivo deste exercício era apresentar aos futuros pesquisadores comunitários os diferentes aspectos da pesquisa de campo. Foram debatidas as particularidades da postura a adotar na pesquisa, a exigência de rigor e considerações éticas. O encontro teve também como objetivo a discussão coletiva dos questionários previamente elaborados pelos pesquisadores acadêmicos a partir da demanda dos sindicatos, para compartilhar os dados que queriam coletar, o sentido das perguntas, e reformulá-las considerando a adequação da linguagem (palavras e unidades de medida usadas pelos agricultores regionalmente).

Ainda contou com orientações técnicas, sobre como aplicar os questionários de uma forma agradável e o manuseio do aplicativo KoboCollect para smartphone, por meio do qual seria realizada a coleta das informações. Uma moderadora profissional apoiou o

treinamento, concebendo atividades que encorajassem um verdadeiro engajamento dos pesquisadores comunitários, tais como exercícios de motivação de equipe, e apresentações teatrais e culturais.

No quarto dia do treinamento, a equipe se dividiu em três grupos, um por município, cada se deslocando para a uma comunidade para realizar uma reunião piloto para testar a metodologia *in situ*.

Reuniões comunitárias

Em cada uma das 12 zonas selecionadas, organizamos uma reunião na comunidade principal, convidando lideranças das diferentes comunidades da zona. Em um primeiro momento, os participantes foram reunidos em torno de um mapa georreferenciado da zona, com o objetivo de identificar os elementos da paisagem e do uso da terra (rios, florestas, campos de agricultura familiar, plantações de soja) e as principais infraestruturas, como escolas, centros de saúde e equipamentos de produção coletiva (microzoneamento). O objetivo era identificar as principais mudanças na paisagem, refletir sobre a situação da agricultura familiar na zona e as perspectivas futuras da comunidade. Em seguida, questionários foram aplicados com os representantes comunitários presentes. Após a coleta das informações, os grupos se juntaram em plenária para produzir uma tabela de síntese das informações de cada comunidade.

No total, 32 questionários foram aplicados com os representantes comunitários presentes nas reuniões.⁴⁸ Este conjunto representa cerca de um quarto do universo estimado de comunidades rurais do Planalto de Santarém.⁴⁹

48 Os dados sobre as comunidades são disponíveis no dataverse seguinte: <https://doi.org/10.18167/DVN1/8R3OT1>

49 O universo da amostra, entretanto, não é totalmente claro, devido à falta de informações estatísticas oficiais confiáveis.

Entrevistas com as famílias

Em cada zona, o objetivo era aplicar o questionário “Família” em 5 comunidades, com pelo menos 9 entrevistas por comunidade. Devido às dificuldades logísticas (estradas ruins, estação chuvosa), as equipes se concentraram em uma comunidade por dia. Já que a intenção era produzir informações sobre a agricultura familiar, entre as famílias das áreas rurais, somente as que se dedicam à produção agrícola foram visadas, de forma a representar a diversidade de situações de cada comunidade. No total, foram realizadas 544 entrevistas por meio de questionários na escala da unidade doméstica, em 62 comunidades diferentes.⁵⁰ Os sindicatos estimam, a partir do número de seus associados, que existam aproximadamente 6000 famílias de agricultores familiares no Planalto Santareno. Isso significaria que pesquisamos aproximadamente 10% das famílias. Entretanto, nosso objetivo não era ser representativo da população total, mas comparar o contexto empírico entre os três municípios e entre as diferentes zonas.

A interpretação coletiva dos dados para a co-construção das mensagens

Após a etapa de campo, buscamos envolver os pesquisadores comunitários e os membros das diretorias dos sindicatos na análise das informações, com um objetivo duplo: refinar nossa compreensão dos dados coletados e reforçar o senso de propriedade dos pesquisadores comunitários sobre os dados.

Em julho de 2019, organizamos outra semana de imersão, desta vez para debater os primeiros resultados. Perguntamos aos pesquisadores comunitários se os resultados derivados do conjunto de entrevistas eram coerentes com o que haviam apreendido da realidade de campo vivenciada durante a coleta de dados. Dessa forma foram criadas

⁵⁰ Os dados sobre as famílias são disponíveis no dataverse seguinte: <https://doi.org/10.18167/DVN1/Y9WMSU>

diversas oportunidades de trocas entre pesquisadores e os jovens pesquisadores que foram muito relevantes para irmos construindo as análises dos dados.

Durante essa nova imersão, fizemos uma aposta ousada: discutir as variáveis a partir dos resultados sistematizados por meio de gráficos apresentando estatísticas descritivas, principalmente os valores médios por município. Estávamos cientes do risco associado ao uso da linguagem estatística, que como o texto escrito, constituem linguagens de predileção do mundo acadêmico, potencialmente excludentes e elitistas. No entanto, a demanda formulada pelos sindicatos (produzir informações quantitativas) conduziu, de certa forma, ao “formato” por meio do qual os resultados foram traduzidos e apresentados, com gráficos, tabelas e mapas. Para facilitar a compreensão desse material, propusemos “workshops sobre lógica e leitura estatística”. Entretanto, em várias ocasiões observamos uma falta de familiaridade com os números por parte de nossos parceiros, o que em parte inibiu o debate sobre os dados em si. Não sabemos mensurar o quanto esse material levou a dificuldades de leitura entre nossos parceiros. No entanto, sentimos que a produção desta informação, formulada em uma “linguagem científica”, era motivo de satisfação e vista como um trunfo a ser mobilizado para que suas reivindicações ganhem legitimidade em determinadas arenas.

Em outubro de 2019, uma vez corrigidas as incoerências da base de dados, conseguimos produzir dados mais qualificados a partir do cruzamento de variáveis. Passamos mais uma semana com os pesquisadores comunitários, representantes dos sindicatos e pesquisadores acadêmicos, desta vez com o propósito de elaborar as principais mensagens que deveriam ser documentadas com os dados, e decidir onde (em que arenas, grupos, eventos) estas informações deveriam ser compartilhadas. Nesta oportunidade, em concertação com os representantes dos sindicatos, decidimos organizar os dados em formato de cartilhas e cartazes que poderiam ser expostos em escolas e sedes comunitárias onde, com frequência, as reuniões acontecem. Em consonância com os três temas previamente definidos (ver seção 2),

e usando os dados coletados como insumo, elaboramos uma coleção de 4 cartilhas temáticas: 1) a história das comunidades rurais e sua importância na formação do Planalto; 2) a importância da produção alimentícia oriunda da agricultura camponesa, 3) o avanço dos agrotóxicos e, 4) as inovações associadas à agroecologia.

Ao longo de meses, em diálogo com as pesquisadoras acadêmicas sediadas na região, o conteúdo de cada cartilha foi progressivamente aperfeiçoado, com base em discussões coletivas, de forma a organizar os resultados das análises em uma mensagem coerente. Contratamos especialistas de divulgação científica para nos apoiar na construção do material e produzir infográficos. Além das cartilhas impressas, produzimos uma série de « cards », ⁵¹ destinados à divulgação nas redes sociais. De forma a viabilizar o acesso aos resultados da pesquisa por parte da Agricultura Familiar, foi elaborado um “caderno de resultados”, no qual foram agrupados todos os resultados da pesquisa sistematizados em forma de gráficos, tabelas e mapas, com breves comentários interpretativos, destinado ao usufruto exclusivo dos sindicatos.

Divulgação dos resultados

A divulgação dos resultados vai além do compromisso de restituição e da difusão de informações por meio de estratégias de comunicação científica de forma que as mensagens sejam compreendidas pelos interlocutores do projeto ou pela sociedade em geral. Nesse contexto, a divulgação é uma etapa organizada tomando como referência a compreensão de que por meio da apropriação dos resultados pelos atores locais.

Em razão da pandemia de Covid-19, que impediu a organização de reuniões presenciais nas comunidades, o lançamento deste material foi feito por meio de um evento on-line em dezembro de 2020,

⁵¹ As cartilhas e cards podem ser acessados no seguinte link: <http://inct-odisseia.i3gs.org/interface-com-a-sociedade/>.

com organizações do território, agentes de extensão, pesquisadores de outras instituições e tomadores de decisão. Esse evento representou um marco no processo, pois importantes organizações do território tomaram consciência do potencial dos resultados apresentados.

Em agosto de 2020, parte dos resultados foram apresentados no Fórum Territorial de Combate aos Impactos do Uso de Agrotóxicos, que reúne tomadores de decisões e representantes da sociedade civil, para o levantamento e discussão dos impactos regionais dos agrotóxicos e para cobrar das autoridades responsáveis medidas combativas aos mesmos. Desde, então, o projeto Odisseia tem colaborado com o Fórum, na construção de estratégias para ampliar a divulgação regional dos impactos dos agrotóxicos e de ações afirmativas que ofereçam alternativas ao uso dos mesmos, como a promoção da agroecologia (COUDEL *et al.*, 2021).

Além disso, iniciamos no ano passado um processo de apresentação dos resultados da pesquisa nas comunidades que integraram a coleta de dados. Os pesquisadores comunitários foram novamente mobilizados, para colaborar na construção coletiva da formatação dos encontros, mas sobretudo para apresentar os resultados e discutir ações suscetíveis de consolidar a agricultura familiar local, em equipe com uma moderadora profissional e uma pesquisadora acadêmica. Esse processo continua em andamento e tem rendido reflexões importantes sobre nossos resultados, e a situação e futuro da agricultura familiar, além de constituir uma oportunidade para os jovens pesquisadores de se aprofundarem nos resultados e nas trocas com os comunitários e, assim, desenvolverem habilidades de liderança.

A apresentação dos dados em meio a eventos como reuniões direcionadas contribui para com formação das pessoas participantes e com o processo de aprendizagem acerca das características do território. Percebemos que o diálogo em torno dos resultados da pesquisa vem contribuindo para o fortalecimento da Agricultura Familiar na medida em que os mesmos subsidiam narrativas que geram mobilização social e ações coletivas em prol de interesses comuns.

Discussão: Aprendizados e desafios para consolidar o processo de co-construção de conhecimento

Conduzimos a campanha de coleta de dados “Consolidando a Agricultura Familiar”, com três objetivos norteadores. O primeiro era produzir dados em uma escala relevante para atender às demandas dos sindicatos do Planalto santareno, em particular para aumentar a visibilidade da situação dos agricultores familiares frente à expansão da soja. Sobre esse ponto, a legitimidade acadêmica e o conhecimento metodológico dos pesquisadores acadêmicos ajudaram a produzir informações rigorosas e relevantes (BALAZS; MORELLO-FROSCHE, 2013). Assim os resultados ganharam em credibilidade e poderão ser mobilizados pelos atores para qualificar seus pleitos em defesa da agricultura familiar no território. Também poderão ser usados pelos cientistas para avançar nos campos de conhecimento de se trata a pesquisa.

O segundo objetivo era contribuir para o processo de capacitação das jovens lideranças, por meio de uma atuação na qualidade de “pesquisadores comunitários”. Além de novas percepções e conhecimentos sobre sua realidade, os jovens envolvidos relataram que “fazer pesquisa” contribuiu para o conhecimento da região deles, sua capacidade a trabalhar em equipe, e encorajaram reflexões sobre a importância da participação da juventude nas organizações. Eles também mencionaram que a experiência lhes permitiu compreender melhor o trabalho dos pesquisadores e os desafios que enfrentam, contribuindo assim para uma compreensão mútua e convergência entre as esferas acadêmica e social.

Em terceiro lugar, buscamos conduzir uma pesquisa-piloto a mais inclusiva possível, envolvendo os atores locais desde a definição dos objetivos da pesquisa, a coleta de dados, até a análise, interpretação e divulgação dos resultados. Sobre este aspecto, elencaremos abaixo algumas das lições aprendidas, para a condução de processos de pesquisa que almejam o engajamento de atores acadêmicos e não acadêmicos.

1. A definição conjunta dos objetivos da pesquisa permitiu um forte engajamento dos atores locais; o debate coletivo dos resultados enriqueceu as interpretações e fortaleceu sua apropriação por parte dos atores locais.
2. Os parceiros precisam se conectar para além da pesquisa compartilhada. O engajamento se constrói progressivamente, e não se concentra apenas nos aspectos “objetivos”, associados ao conhecimento. Em grande parte, passa pela mobilização das emoções e a consolidação de relações interpessoais por meio do estabelecimento de confiança.
3. A escolha dos parceiros locais é fundamental para esse processo. Pontes entre os pesquisadores e os atores locais são criadas por meio de valores e visões de mundo compartilhados.
4. A produção de uma relação de confiança entre os parceiros participa da criação de um senso de propriedade sobre os resultados e de apropriação dos resultados e dos processos da pesquisa. Contribui para maior legitimação dos dados, tanto para os pesquisadores quanto para os atores locais. Ainda produz engajamento maior das partes com a pesquisa, consolidando o compromisso na divulgação dos resultados.
5. Apesar do risco de (re)produção de assimetrias, a produção de dados quantitativos e a análise estatística provaram ser uma estratégia de pesquisa válida com atores não acadêmicos, se usada com cautela e criatividade metodológica.
6. A co-construção implica ter a possibilidade de acolher o inesperado e estar aberto para abraçar sugestões ao longo do caminho. Ora, a serendipidade requer habilidades, que frequentemente não são do domínio (ou da cultura) dos acadêmicos. Aqui, chamamos atenção para a importância de se envolver outros parceiros, como mediadores profissionais, que trabalham na interface entre os atores acadêmicos e não acadêmicos. Além de não representar nem uma parte nem a outra, dispõem de competências para desenvolver métodos

criativos, não textuais, para operacionalizar uma interlocução mais igualitária entre as partes.

A clareza das lideranças sindicais em relação às demandas feitas à academia com vistas ao fortalecimento da Agricultura Familiar e a flexibilidade dos pesquisadores acadêmicos no redirecionamento dos objetivos, das atividades e da divisão de tarefas, de responsabilidades e de tomadas de decisão foram fundamentais para possibilitar o processo de co-construção. Nesse processo, destacamos a importância da utilização de metodologias participativas que permitiram a fala e a escuta ativa entre parceiros, o levantamento de demandas, a compreensão do contexto empírico, a construção coletiva de encaminhamentos e as tomadas de decisão sobre os passos a seguir. Também possibilitou melhorar os processos de aprendizagem e comunicação entre os atores sociais, entre estes e pesquisadores. Isso resultou no florescimento de um senso de pertencimento ao processo por parte dos participantes, que tiveram a oportunidade de entender como o conhecimento que defendem foi produzido e validado, garantindo assim a usabilidade deste conhecimento em arenas de negociações em seus territórios, colaborando para o exercício de uma cidadania mais informada e consciente por parte dos atores envolvidos.

Entre tropeços e aprendizagens, a experiência conduzida com os jovens agricultores e os representantes dos STTRs de Santarém, Mojuí dos Campos e Belterra nos reforçou na ideia de que, mais de uma simples questão metodológica, a co-construção do conhecimento remete a uma postura ética sobre o modo como se dá a produção do conhecimento, em busca de justiça epistêmica e cognitiva e engajada na transformação da realidade (HORNER, 2016). Nossa experiência contribui para a defesa de uma pesquisa engajada, que tem como referência a pluralidade de conhecimentos, que defende o envolvimento dos pesquisadores na vida da comunidade e a produção de uma ciência apropriada por parte dos atores locais (NORSTRÖM et al., 2020). Nos reconhecemos como parte do legado teórico de Paulo Freire, que

reivindica a participação cidadã como condição para uma construção democrática forte (FREIRE, 1968), mas também nos situamos no marco do pensamento crítico latino-americano (LANDER, 2005), que afirma a necessidade de reconsiderar as premissas convencionais da pesquisa socioambiental (MARTÍNEZ ALIER, 2007) e que defende o surgimento de novos sujeitos político-intelectuais (PORTELA; NOGUEIRA; GUIMARÃES, 2019).

Esse tipo de processo de pesquisa permite uma democratização da construção e do acesso ao conhecimento, contribuindo para ampliar e diversificar as vozes dos territórios dentro da produção científica, tornando-a mais apta a responder aos desafios enfrentados pela sociedade. Isso se faz particularmente importante nos tempos atuais, quando a Amazônia brasileira e seu povos encontram-se cada vez mais desamparados, marginalizados e explorados devido ao desmonte sistemático das políticas ambientais e incentivos ao agronegócio e outras atividades predatórias e altamente impactantes aos ecossistemas e modos de vida locais (FEARNSSIDE, 2019; SCANTIMBURGO, 2018; TOURNEAU, 2018). Ademais, essa produção conjunta de conhecimento convida a ciência a repensar e inovar seus métodos para lidar com a diversidade e problemas complexos. Nesse, sentindo, por exemplo, destacamos a necessidade de respeitarmos o tempo e a flexibilidade necessários para a construção da confiança entre os atores envolvidos e de caminhos metodológicos que façam sentido e permitam o engajamento dos participantes no processo de pesquisa (REED *et al.*, 2019; TOOMEY; KNIGHT; BARLOW, 2017)

Referências

BALAZS CL; MORELLO-FROSCH, 2013. The three Rs: How community-based participatory research strengthens the rigor, relevance, and reach of science. *Environmental Justice* 6 (1): 9-16. DOI: 10.1089/env.2012.0017.

BECKER, BK; MIRANDA, M; MACHADO, L. 1990. Fronteira amazônica: questões sobre a gestão do território. Brasília: UNB.

BEEBEEJAUN, Y; DUROSE, C; REES, J; RICHARDSON, J; RICHARDSON, L. 2014. "Beyond text": Exploring ethos and method in co-producing research with communities. *Community Development Journal* 49 (1): 37-53. DOI : 10.1093/cdj/bst008.

BOMMEL, P; BONNET, M-P; COUDEL, E; HAENTJENS, E; KRAUS, CN; MELO, G, et al. 2016. Livelihoods of local communities in an amazonian floodplain coping with global changes: from role-playing games to hybrid simulations to involve local stakeholders in participatory foresight study at territorial level. *Proceedings - 8th International Congress on Environmental Modelling and Software, iEMSs, 2016, v.4.*

CARON, P; CHEYLAN, J-P, 2005. Donner sens à l'information géographique pour accompagner les projets de territoire: cartes et représentations spatiales comme supports d'itinéraires croisés. *Géocarrefour* (80): 111-122.

CASH, DW; CLARK, WC; ALCOCK, F; DICKSON, NM; ECKLEY, N; GUSTON, DH, et al. 2003. Knowledge systems for sustainable development. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 100 (14): 8086–8091. DOI: 10.1073/pnas.1231332100.

CÔRTEZ, J; D'ANTONA, Á. 2016. Fronteira agrícola na Amazônia contemporânea: Repensando o paradigma a partir da mobilidade da população de Santarém-PA. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi: Ciências Humanas* 11 (2): 415-430. DOI: 10.1590/1981.81222016000200005.

CORTES JP; COUDEL, E; PIRAUX, M; SILVA, MP; SANTOS, BA; FOLHES, R; et al. 2020. Quais as perspectivas da agricultura familiar em um contexto de expansão do agronegócio? Zoneamento participativo com representantes comunitários do Planalto Santareno. *Confins* (45): 0-24. DOI: 10.4000/confins.28077.

COUDEL, EMILIE; NASUTI, STÉPHANIE; ABREU DOS SANTOS, BEATRIZ; PIVA, MARIANA ; FECHINE, VALÉRIA; FOLHES, RICARDO-THEOPHILO. Co-producing knowledge with family farming organizations: a citizen science observatory in Santarém, Brazilian Amazon. *Cahiers Agriculture*, v.31, p.1, 2022.

COUDEL, E.; NASUTI, S.; PIVA, M.; ABREU, B.; WAGNER, D.; FOLHES, R. 2020. Coleção “Consolidando a Agricultura Familiar no Planalto de Santarém, Mojuí dos Campos e Belterra”. Brasília: INCT Odisseia, 2020. ISBN 978-65-00-02239-1

COUDEL, EMILIE; NASUTI, STÉPHANIE; FECHINE, VALÉRIA; PIVA, MARIANA; ABREU, BEATRIZ; FOLHES, RICARDO, 2021, “Family farming in Santarém region, Brazilian Amazon: survey with households (Odyssey project, 2019)”, <https://doi.org/10.18167/DVN1/Y9WMSU>, CIRAD Dataverse, v.1.

D'AQUINO, P. 2009. La participation comme élément d'une stratégie globale d'intervention : l'approche « gestion autonome progressive ». *Cahiers Agricultures* 18 (5): 433-440. DOI: 10.1684/agr.2009.0330.

DUROSE, C; BEEBEEJAUN, Y; REES, J; RICHARDSON, J; RICHARDSON, L. 2012. Towards Co-Production in Research with Communities. *Connected communities* 1-15.

FEARNSIDE, Philip Martin. Retrocessos sob o Presidente Bolsonaro: Um Desafio à Sustentabilidade na Amazônia. **Sustentabilidade International Science Journal**, [s. l.], v.1, n.1, p.38-52, 2019.

FLORIN, P, WANDERSMAN, A. 1990. An introduction to citizen participation, voluntary organizations, and community development: Insights for empowerment through research. *American Journal of Community Psychology* 18 (1): 41-54. DOI: 10.1007/BF00922688.

FOLHES, RT. 2018. A gênese da transumância no baixo Rio Amazonas: arranjos fundiários, relações de poder e mobilidade entre ecossistemas. *Boletim Goiano de Geografia* 38 (1): 138. DOI: 10.5216/bgg.v38i1.52818.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

HÉBETTE, J; MARIN REA. 2004. Colonização e fronteira – Articulação no nível econômico e no nível ideológico. In: *Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia*. Belém: EDUFPA, p.75-88.

HORNER, L. K. (2016). Co-constructing research: a critical literature review. AHRC. <https://connected-communities.org/wp-content/uploads/2016/04/16019-Co-constructing-Research-Lit-Review-dev-06.pdf>

IBGE. 2018. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Produção Agrícola Municipal.

JOUVENEL, F de. 2009. *La prospective des territoires urbains sensibles : la construction des scénarios et quelques autres méthodes. Futuribles un guide méthodologique de la mission prospective et stratégie de secrétariat général du comité interministériel des ville*, Paris.

43. http://www.ville.gouv.fr/IMG/pdf/GUIDE_PROSPECTIVE_SG_CIV.pdf

KOBOTOOLBOX. 2019. Simple, Robust and Powerful Tools for Data Collection. <https://www.kobotoolbox.org>

LANDER, E. (org.) 2005. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO.

LE TOURNEAU, François-Michel. O governo Bolsonaro contra os Povos Indígenas: as garantias constitucionais postas às provas. *Confins-Revue Franco-Brésilienne de Géographie-Revista Brasileira de Geografia*, [s. l.], v.501, p.0-22, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/con>

LIU HY, KOBERNUS, M; BRODAY, D; BARTONOVA, A. 2014. A conceptual approach to a citizens' observatory-supporting community-based environmental governance. *Environmental Health: A Global Access Science Source* 13 (1): 1-13. DOI: 10.1186/1476-069X-13-107.

MARTÍNEZ-ALIER, J. 2007. O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Contexto.

NAHUM, JS; PAIXÃO PRC. 2014. Encontros e desencontros: fronteira, agronegócio da soja e campesinato no Planalto Santareno (PA). *Revista NERA* 17 (25).

NASUTI, STÉPHANIE; COUDEL, EMILIE; FECHINE, VALÉRIA; PIVA, MARIANA; ABREU, BEATRIZ; FOLHES, RICARDO, 2021, "Family farming in Santarém region, Brazilian Amazon: survey with

rural community representatives (Odyssea project, 2019)”, <https://doi.org/10.18167/DVN1/8R3OT1>, CIRAD Dataverse, v.1.

NORSTRÖM, A; CVITANOVIC, C; LÖF, M; WEST, S; WYBORN, C; BALVANERA, P, et al. 2020. Principles for knowledge co-production in sustainability research. *Nature Sustainability* 3 (3): 182-190. DOI: 10.1038/s41893-019-0448-2.

OLIVEIRA, A. 2001. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e reforma agrária. *Estudos Avançados: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo* 15 (43): 185-206.

PATEL, M; KOK, K; ROTHMAN, DS. 2007. Participatory scenario construction in land use analysis: An insight into the experiences created by stakeholder involvement in the Northern Mediterranean. *Land Use Policy* 24 (3): 546-561. DOI: 10.1016/j.landusepol.2006.02.005.

PORTELA, C., NOGUEIRA, M.; GUIMARÃES, S. 2019. Saberes transformativos em prática na academia. *Interethnic@*, 22(1).

REED, James *et al.* Engaging multiple stakeholders to reconcile climate, conservation and development objectives in tropical landscapes. **Biological Conservation**, [s. l.], v. 238, n. September, p.108229, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.biocon.2019.108229>

SCANTIMBURGO, André. O desmonte da agenda ambiental no governo bolsonaro. **Perspectivas**, [s. l.], v.52, n. jul/dez, p.103-117, 2018.

SAUER S. 2018. Soy expansion into the agricultural frontiers of the Brazilian Amazon: The agribusiness economy and its social and environmental conflicts. *Land-Use Policy* (79): 326-338.

TOOMEY; ANNE, H.; KNEIGHT; ANDREW, T.; BARLOW, Jos. Navigating the Space between Research and Implementation in Conservation. *Conservation Letters*, [s. l.], v.10, n.5, p.619-625, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/conl.12315>

TONNEAU, JP ; LEMOISSON, P ; COUDEL É ; MAUREL, P ; JANNOYER, M; BONNAL, V, et al. 2017. Les observatoires territoriaux. *Revue Internationale de Géomatique* 27 (3): 335-354. DOI: 10.3166/rig.2017.00035.

VANDENBUSSCHE, L ; EDELENBOS, J ; ESHUIS, J. 2020. Plunging into the process: methodological reflections on a process-oriented study of stakeholders' relating dynamics. *Critical Policy Studies* 14 (1): 1-20. DOI: 10.1080/19460171.2018.1488596.

Resumo biográfico

Stéphanie Nasuti. Doutora em Geografia pela Universidade Sorbonne Nouvelle/Paris. Ela desenvolve pesquisas sobre gestão e governança ambiental e territorial em territórios tradicionais, com foco nas possíveis relações entre o Estado e os atores locais. Atualmente é professora adjunta no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília, Brasil.

Emilie Coudel. Socioeconomista do Centro Internacional de Pesquisa Agrícola para o Desenvolvimento (CIRAD), na unidade de pesquisa Saberes Meio ambiente e Sociedades (SENS), em Montpellier, França. Ela estuda os processos que levam os atores rurais a se engajarem em transições agroecológicas. Ela preza por uma ciência mais democrática, particularmente processos de co-produção de conhecimento que permitam aos agricultores e suas organizações negociar melhor as políticas públicas.

Mariana Piva da Silva. Bióloga e Mestre em ecologia aplicada pela ESALQ/USP, e doutora em ciências ambientais pela Lancaster University, Reino Unido. Atualmente é pós-doutoranda do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB), no âmbito do projeto INCT Odisseia. Trabalha com questões socioambientais ligadas aos temas: relações campo-cidade, cidadania insurgente, qualidade de vida, agricultura familiar, agroecologia e ciência-cidadã.

Danielle Wagner Silva. Doutora em Desenvolvimento Rural pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Brasil. Atualmente é docente do Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF) Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) e desenvolve pesquisas com temas relacionados ao desenvolvimento rural e à agroecologia, tais como processos de reprodução e transformação social da agricultura familiar e sistemas agrícolas tradicionais.

Beatriz Abreu dos Santos. Doutoranda pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e desenvolve pesquisa sobre conflito socioambiental na Amazônia brasileira na fronteira entre agronegócio e agricultura familiar. Seu trabalho de pesquisa inclui redes de governança da agricultura familiar e perspectivas alternativas para o desenvolvimento territorial da região do Planalto Santareno.

Denise Valéria de Lima. Doutoranda em Estudos Africanos no Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE, Portugal. Atua como consultora socioambiental na América Latina e nos Países Africanos de Língua Portuguesa, além de presidir o Instituto Opaoká, uma ONG dedicada ao diálogo entre saberes e à defesa dos Direitos dos Povos Indígenas e dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Ricardo Theophilo Folhes. Doutor em Geografia pela Université Sorbonne Nouvelle (Paris, França). Atualmente é professor do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFGPA) e pesquisas temas relacionados ao desenvolvimento rural, dinâmica agrária e fundiária, mobilidade territorial e dependência social.

João Paulo S. de Cortes. Geógrafo, doutor em Geociências e Meio Ambiente pela Universidade Estadual Paulista - UNESP- Rio Claro. Atualmente é docente do Instituto de Ciência e Tecnologia das Águas (ICTA) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFGPA), campus de Santarém. Suas atividades de pesquisa e extensão estão concentradas na relação das sociedades com o meio, a partir da análise de padrões de distribuição espacial.

Marc Piraux. Geógrafo, pesquisador do Centro Internacional de Pesquisa Agrícola para o Desenvolvimento (CIRAD), na unidade Tetis (Sensoriamento remoto, meio-ambiente, território e informação espacial) em Montpellier (França). Ele é atualmente acolhido no ISRA (Instituto senegalense de pesquisa agropecuária), e é professor colaborador do INEAF da UFGPA em Belem. Suas atividades de pesquisa estão ligadas ao desenvolvimento territorial, análise das dinâmicas territoriais, governança e territorialização das políticas públicas, em relação com os processos de transições sustentáveis.